

LINGÜÍSTICA E SURDEZ: COMPREENDENDO A SINGULARIDADE DA PRODUÇÃO ESCRITA DE SUJEITOS

Dóris Anita Freire Costa

RESUMO - O presente texto traz uma contribuição da lingüística para a compreensão da produção escrita de aprendizes surdos, alunos de séries iniciais do Ensino Fundamental. Através da contribuição de abordagens distintas, procura-se mostrar a lógica e a riqueza subjacentes a tais produções. Neste sentido, escritas que em outras perspectivas poderiam ser vistas como “caóticas” ou “desviantes”, são consideradas como fruto de um rico processo para o qual contribuem, tanto a herança histórico-cultural, quanto o contexto de produção e as experiências individuais do sujeito com a linguagem. Procura-se, ainda, mostrar as implicações pedagógicas dos referenciais apresentados.

UNITERMOS: Escrita de surdos. Análise lingüística. Implicações pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Aos olhos de um leigo, a produção escrita dos surdos, principalmente dos aprendizes incipientes, pode parecer estranha. São construções que se diferem do Português escrito padronizado em muitos aspectos: a ordem das sentenças nem sempre coincide com a convencional SVO (Sujeito – Verbo – Objeto); há ausência ou pouco uso de artigos, conjunções, preposições e outras categorias gramaticais próprias dos textos considerados “cultos”,

constituindo muitas vezes um tipo de texto curto, que alguns costumam denominar de “telegráfico”, como podemos verificar a seguir:

Exemplo 1:

(Bilhete trocado entre a pesquisadora/autora do artigo e um aluno surdo)

Pedro, você quer visitar minha casa?

Resposta do aluno¹:

Mamãe não pode casa de Dóris

Papai pode casa de Dóris.

Dóris Anita Freire Costa - Mestre em Educação/ UFMG. Doutora em Lingüística/UFMG. Professora dos cursos de Pós-Graduação/Especialização em Psicopedagogia e Educação Especial, em Belo Horizonte e grande Belo Horizonte.

*Correspondência
Rua Timbiras, 249 Apto. 501
Belo Horizonte – MG
(31)3227 36 59
dorisval.bh@zaz.com.br*

¹Por questão ética, os nomes dos alunos, assim como os das escolas, foram omitidos ou substituídos (como nos exemplos 7 e 8).

Entretanto, como diz Beaugrande¹, todo texto é como uma ponta de um iceberg, uma pequena quantidade de matéria ou energia, na qual se encontra uma pequena quantidade de informação 'condensada' por um escritor e pronta para ser 'ampliada', desvelada por um leitor. O desvelamento dos textos dos surdos nos revela a sua lógica e nos permite olhar para a sua singularidade não como alguma aberração ou patologia, mas como uma construção, que é fruto de uma longa história.

Várias teorias lingüísticas apresentam fundamentos que podem nos ajudar a compreender a lógica subjacente às construções escritas dos surdos. No presente trabalho, exporemos de forma sucinta os pressupostos básicos de algumas destas teorias.

As teorias selecionadas se dividem em dois blocos distintos.

No primeiro, focalizaremos uma vertente do quadro *evolucionista*, que trata dos primórdios da evolução da linguagem (principalmente da gramática) na espécie humana. A seguir, procuraremos mostrar as semelhanças encontradas entre características desta linguagem e a escrita inicial de aprendizes surdos.

No segundo bloco, focalizaremos abordagens que tratam mais especificamente da *relação entre linguagem 'falada'* (ou linguagem usada na comunicação face a face) e *linguagem escrita*, procurando destacar, nesta perspectiva, a interferência de características da Língua de Sinais na escrita do Português pelos surdos, e o papel do uso de modalidades diferentes de produção textual no aprendizado do Português escrito por estes sujeitos.

Para compreender a produção dos surdos, alguns esclarecimentos a seu respeito se fazem necessários. As produções aqui mostradas são de **sujeitos** surdos de duas escolas especializadas na área, alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. São todos filhos de pais ouvintes, de situação socioeconômica muito precária e

apresentam surdez profunda em ambos os ouvidos (*disacusia neurosensorial bilateral profunda*). Desses sujeitos, nenhum foi considerado oralizado^{II}. Todos são usuários da Língua de Sinais.

É necessário esclarecer ainda que já se tornou consenso, entre as pesquisas sobre surdez, considerar a Língua de Sinais como a língua natural ou primeira língua (L1) dos surdos e o Português, oral ou escrito, como uma segunda língua (ou L2), posição e terminologia que adotamos no presente trabalho. O sistema lingüístico estruturado que constitui a Língua de Sinais usada pelos surdos dos centros urbanos do Brasil é denominado de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), sigla que usaremos no decorrer do texto.

A CONTRIBUIÇÃO DE TEÓRICOS EVOLUCIONISTAS UM OLHAR SOBRE O PASSADO: AS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES DA ESPÉCIE

Se considerarmos a natureza *sócio-histórica* da linguagem, como postula Vigotsky², a compreensão da linguagem do indivíduo é enriquecida com o conhecimento da linguagem da espécie humana e dos indivíduos que fazem parte do seu entorno sociocultural.

Neste sentido, os estudos que tratam da evolução da linguagem da espécie podem contribuir significativamente para o desvelamento da linguagem dos surdos.

Pesquisadores diversos, entre estes o sociolingüista Bickerton^{3,4}, têm se preocupado com a evolução da linguagem na espécie humana e com as intrincadas relações entre o desenvolvimento da linguagem no indivíduo (ontogênese) e na espécie (filogênese).

Estudando a evolução da linguagem na espécie humana, desde os primatas, Bickerton denomina as primeiras formas de linguagem constituídas pela espécie humana, e já com uma gramática estruturada, de *Protolinguagem*. A *Protolinguagem* teria características próprias que

^{II}Quando utilizamos a expressão 'ser oralizado', nos referimos à capacidade de se comunicar oralmente de forma efetiva.

a fazem divergir da linguagem do homem moderno. Haveria nesta uma primazia do significado sobre o significante; de aspectos semânticos sobre sintáticos; o uso preferencial de substantivos, verbos e adjetivos, considerados elementos mais significativos na construção da frase, com omissão de elementos, considerados supérfluos, como artigos, conjunções, preposições etc.

Fazendo uma análise comparativa entre a linguagem do homem moderno e a *Protolinguagem*, Bickerton considera que a história da aquisição da linguagem pelo indivíduo dos dias atuais parece repetir a história de aquisição da linguagem pela espécie humana. Assim, nesta perspectiva, a Ontogênese da linguagem humana parece similar à Filogênese.

Considerando-se a construção da linguagem na espécie como um processo histórico (evolucionário) e sociocultural, cuja natureza é de estrutura, tanto *social* quanto *biológica*, Bickerton postula que esta primeira linguagem - a *Protolinguagem* - internalizada pela espécie, passou a ser parte integrante da estrutura da linguagem humana, manifestando-se em determinadas ocasiões.

Esta *primeira linguagem*, a mais *natural* da espécie, corresponderia à linguagem usada pelas *crianças* pequenas. Ela se manifestaria, também, em certas ocasiões especiais, como nos casos de *fadigas*, certos tipos de *stresses* etc. O autor considera ainda que, em ocasiões em que se dá a privação pelo indivíduo da língua falada pela comunidade, este é capaz de *criar* um tipo de linguagem, com suporte na *Protolinguagem*. Neste sentido, seriam significativas as pesquisas feitas com *pidgins* e *crioulos* de várias comunidades e, também, os estudos feitos com adolescentes (isolados do contato social e, depois, submetidos à aprendizagem da língua da comunidade). A linguagem criada pelos *pidgins* e *crioulos* de locais diferentes (Havai; Haiti; Ilhas Maurício etc.) tem características muito parecidas e muito próximas à *Protolinguagem*, o mesmo acontecendo com a linguagem usada pelos adolescentes socializados, após um longo período

de privação da linguagem e do contato social. Apesar de terem estruturas muito semelhantes, tais linguagens possuem também diferenças que vão variar de acordo com o *contexto*.

Fazendo uma análise comparativa entre a linguagem escrita inicial dos aprendizes surdos, e, especificamente, entre a sua forma de estruturar frases e a forma como os sujeitos com *Protolinguagem* a estruturavam, vamos encontrar muitas semelhanças. As frases eram curtas, do tipo *telegráfico*, não se usavam elementos conectivos e a ordem muitas vezes variava da convencional Sujeito-Verbo-Objeto.

Este tipo de linguagem (Protolinguagem) difere da linguagem usualmente falada hoje em dia pelos ouvintes, em pelo menos cinco itens, conforme Bickerton (1990)⁴:

A primeira envolve diferenças na *ordem superficial dos constituintes*. Na Protolinguagem, por exemplo, dizer: *'house money pay'* (*'casa dinheiro paga'*) e *'pay house money'* (*'paga casa dinheiro'*) pode ter a intenção de expressar, simplesmente, diferenças de ênfase e pressuposição. A ordem muitas vezes é baseada em probabilidades pragmáticas e não em critérios gramaticais. Em outras palavras, o que determina a ordem não é a estrutura formal, mas as considerações *funcionais*.

Como exemplos ilustrativos da presença desta primeira diferença nas produções dos aprendizes surdos, podemos citar as produções seguintes de alunos, em que se evidenciam mudanças na ordem convencional:

Exemplo 2:

- *Eu você quero conversar brincar*
- *Matar não pode animais*
- *Raiva papai muito é chato*
- *Pipa tem gosta*
- *Você abraço sempre*

• *O domingo eu gostaria ficar muito de casa*
(Frases avulsas escritas por alunos das séries iniciais do antigo Ciclo Básico de Alfabetização^{III} das escolas investigadas)

^{III}Apesar das atuais mudanças feitas pelas Secretarias de Educação, a escola pública investigada ainda adotava o sistema antigo de seriação.

A segunda diferença envolve *elementos nulos* ou pontos na sentença onde se pode inferir algum constituinte nocionalmente presente, mas não explícito. Usualmente, na linguagem comum, podemos explicitar e prever circunstâncias quando a presença de tais elementos acontece. Por exemplo: na sentença *'fomos ao cinema ontem'*, apesar do sujeito não estar explícito, podemos inferir pelo verbo que o sujeito é nós e, podemos também, inferir a sua posição. Em Protolinguagem isto não é possível, uma vez que qualquer elemento pode estar ausente em qualquer posição, sendo o *significado* garantido pelo aspecto *pragmático*. O interlocutor pode apenas contar com o *significado geral, conhecimento da situação e senso comum*.

Como exemplos ilustrativos desta segunda diferença nas produções dos surdos, podemos citar a seguinte produção (trata-se da descrição de uma história em quadrinho):

Exemplo 3:

*...vê André medo grita querendo pegar
Leão raposa ouvem
Avança raposa medo*

(Produção escrita de um aluno da série inicial do antigo Ciclo Básico de Alfabetização de uma das escolas investigadas. Observa-se que devido à ausência de elementos em diversas posições, o interlocutor só poderá compreender, por exemplo, 'quem está perseguindo quem', se recorrer aos quadrinhos da história)

A terceira diferença envolve a *subcategorização de verbos*, que não existe em Protolinguagem. Na subcategorização, parte-se do princípio de que todos os verbos podem subcategorizar argumentos e que esses deverão ser expressos, a menos que possam ser identificados e ligados ao referente apropriado por princípios sintáticos. O verbo *comprar*, por exemplo, subcategoriza um tipo de argumento, que chamamos de 'objeto direto': *comprar algo*. Já o verbo *gostar*, subcategoriza outro tipo de argumento: *gostar de alguém ou algo*.

Como exemplo desta característica nas produções investigadas, podemos citar o seguinte:

Exemplo 4:

- *Eu vou quer gosto.*
- *A mulher pega carrega*

(Frases escritas isoladas de alunos da série inicial do antigo Ciclo Básico de Alfabetização das escolas investigadas)

Exemplo 5:

O leão e a raposa

.....
*O leão vê corre e fugiu
raposa.....
O menino brinca rir. O menino vamos
Arvore feliz.*

(Fragmentos de descrição de uma história em quadrinhos de um aluno da série inicial do antigo Ciclo Básico de Alfabetização. Aqui, também, pode-se observar que a compreensão do texto exige a recorrência a um contexto mediato, no caso, a consulta aos quadrinhos da história)

A quarta diferença envolve mecanismos para a expansão das declarações. A Protolinguagem se caracteriza pela *ausência de frases e sentenças complexas*. Os exemplos a seguir, onde se pode ver a predominância de construções não complexas, ilustram a característica acima:

Exemplos 6 e 7:

Os «sem teto»
*Sem teto barraca fome
Precisa dinheiro pouca
Sem casa pouco almoçar
Salário baixo
Pobre de poucos dinheiros.*

Convite de Aniversário
*Convida Vagner
Mês 8 de maio
Às 17 horas
Rua Divinópolis, nº 23
Bolo doce coca*

(Produções de sujeitos distintos do Ciclo Básico de Alfabetização das duas escolas investigadas)

A quinta diferença envolve itens gramaticais. Embora os itens gramaticais não precisem estar totalmente ausentes da Protolinguagem, sua incidência é pequena. A

Protolinguagem, por exemplo, raramente terá alguma espécie de *flexão*, algum *número* ou *concordância pessoal*. Raramente terá *verbo auxiliar*, cuja função é para expressar tempo, aspecto, equação ou relação de classe, embora possa ter expressões para possibilidades ou obrigações. Geralmente, mostrará *poucas preposições, artigos, ou adjetivos demonstrativos*, embora possa ter negadores, questionadores e quantificadores. Em outras palavras, quanto mais forte o *significado* do elemento em um item gramatical, mais probabilidade tem de aparecer na *Protolinguagem*. Pode-se dizer que na Protolinguagem há uma predominância das chamadas palavras de *conteúdo* (substantivos, verbos, adjetivos), em detrimento das chamadas palavras *funcionais* (artigos, conjunções, preposições etc).

Os exemplos a seguir ilustram a característica acima. Note-se que neles há um grande predomínio das palavras de *conteúdo* sobre as *funcionais*, o que se apresenta como uma constante nas produções dos surdos:

Exemplo 8:

(Carta/resposta de aluna da série inicial do antigo Ciclo Básico de Alfabetização):

Daniel,

Meu nome é Denise.

*Escola Estadual J.D.F.A.**

Eu você casa amigo.*

Eu quero conhecer Daniel.

Eu você quero conhecer o jogador do atlético.*

Eu você quero conhecer Guilherme.*

Eu abraço.*

Denise

Exemplo 9:

(Produção de um texto a partir de uma história em quadrinhos de autoria de um aluno da série inicial do antigo Ciclo Básico de Alfabetização):

O Leão e o raposa
O menino vai brinca árvore.
O menino batem papo ficam assustados
*Raposa bravo. Menino árvore subi.**
*Quer pegar menino.**
Leão avança brava raposa assustados
*foge.**
O menino rir.^{IV}*

Uma das maiores contribuições dos estudos evolucionistas, destacando-se o trabalho sobre a Protolinguagem, foi possibilitar uma nova interpretação sobre a escrita de sujeitos surdos. A partir desta perspectiva, escritas falsamente rotuladas como 'esquisitices', 'aberrações' ou 'desvios' são vistas como construções perfeitamente normais, produtos de um longo processo histórico.

Outra questão diz respeito à capacidade para a linguagem, que os autores dessa perspectiva consideram como *inerente* à espécie humana. Nesta abordagem, parte-se do princípio de que todo homem, seja ouvinte ou não, é capaz de adquirir uma linguagem. As pesquisas feitas dentro desta perspectiva oferecem forte argumento contra os que postulam que a surdez, em si, constituiria um obstáculo para a aquisição e desenvolvimento da linguagem. No caso de privação de contato com a língua falada pelo grupo majoritário da comunidade, o indivíduo é capaz de criar um tipo de linguagem com suporte na Protolinguagem (como aconteceu com os surdos ao criar a Língua de Sinais, a qual, por sua vez, deu suporte a sua escrita).

As análises feitas, a partir da perspectiva contemplada, parecem nos oferecer argumentos a favor da hipótese evolucionista da relação entre *filogênese* e *ontogênese*, evidenciando-se, tanto na espécie quanto no indivíduo, uma evolução de construções *pragmáticas* para construções, gradativamente *mais autônomas do contexto*

^{IV}Para melhor compreensão do leitor, transcrevemos os enunciados com asteriscos para a forma geralmente usada pelos ouvintes: Exemplo 8: * Eu estudo na Escola Estadual JDFA. Eu quero ir a sua casa, amigo. Eu quero lhe conhecer. Eu quero conhecer o jogador do Atlético com você. Eu quero conhecer o Guilherme com você. O meu abraço.

Exemplo 9: *Aparece a raposa; ela é brava. Os meninos sobem na árvore. A raposa quer pegar os meninos. O leão aparece e avança sobre a raposa brava. Os meninos fogem assustados. Os meninos riem (aliviados).

mediato. No caso da apropriação da escrita pelos surdos, tal evolução se caracterizaria por construções fortemente dependentes do contexto mediato, em que predominaria o uso de características da Língua de Sinais (ou construções mais próximas da ‘fala’ dos surdos) para construções menos dependentes e mais próximas do Português escrito (mais autônomas da ‘fala’). Nesta perspectiva, o processo de aquisição da linguagem se caracteriza na sua gênese pela *simplificação*, evoluindo-se gradativamente para formas mais complexas. Esta *simplificação* estaria presente tanto na aquisição da primeira quanto da segunda língua. Estaria presente na emergência da fala e da escrita, uma vez que (como veremos no bloco seguinte), a escrita em sua fase inicial se apóia na ‘fala’.

Entretanto, apesar da contribuição dada, a teoria exposta é ainda insuficiente para explicar a produção escrita dos surdos, um complexo processo, sujeito a múltiplas determinações. Outras teorias lingüísticas se tornam necessárias para complementar as lacunas dos pressupostos acima. Entre essas, nos deteremos nas que tratam mais especificamente das complicadas relações entre ‘fala’ e escrita, e que serão explícitas no bloco seguinte.

A CONTRIBUIÇÃO DE AUTORES QUE TRATAM DAS RELAÇÕES ENTRE ‘FALA’ E ESCRITA

Neste bloco, trataremos brevemente da contribuição oferecida por lingüistas que se preocupam com as interferências da ‘fala’ sobre a escrita inicial de aprendizes ouvintes brasileiros e que podem ser estendidas aos aprendizes surdos. Vários estudiosos de LIBRAS, entre eles Ferreira Brito⁵, consideram que a Língua de Sinais (e LIBRAS, no Brasil) é a ‘fala’ dos surdos. Assim sendo, as considerações que se fazem sobre as relações entre oralidade e escrita, no caso dos ouvintes, podem ser usadas para se entender as relações entre Língua de Sinais e escrita.

Como vários trabalhos de lingüistas brasileiros mostraram⁶⁻¹¹, os aprendizes ouvintes se apóiam na sua oralidade no processo de aquisição do

Português escrito, tanto ao nível ortográfico, quanto ao nível gramatical e do discurso. Assim sendo, muitos dos chamados ‘erros’ de escrita dos ouvintes são apenas mostras da interferência da fala na escrita, numa fase do processo de aquisição em que o aprendiz considera que a escrita é transcrição da fala.

Kato⁸ postula que há uma relação de *isoformia parcial* entre fala e escrita, isto é, há certas semelhanças entre as mesmas, em certas situações, apesar da fala não ser reprodução da escrita e vice-versa. Esta autora postula que, na fase inicial, a escrita dos aprendizes tenta representar a fala – o que faz de forma parcial – e, posteriormente, a fala procura simular a escrita (mais especificamente em situações formais), conseguindo-o também parcialmente.

A primeira parte da relação estabelecida acima seria também aplicada no caso dos surdos: estes, no processo de aquisição do Português escrito, também se apoiariam na sua língua natural ou língua utilizada na comunicação face a face. Isto explicaria o fato da escrita inicial do Português dos surdos apresentar muito da estrutura de LIBRAS. Como em LIBRAS, por exemplo, há bastante flexibilidade na *ordenação* dos elementos na frase e enunciados, é comum na escrita, os surdos usarem construções diferentes da frase canônica do Português (ou seja, SVO: Sujeito – Verbo – Objeto). É comum, também, não usarem *artigos*, *conjunções*, *preposições*, por esses elementos serem, muitas vezes, prescindíveis em LIBRAS. É comum, ainda, não usarem *flexão* de tempo verbal, nem de pessoa e número no verbo, pelo fato de a LIBRAS ser muito menos *marcada* do que o Português e, por isso, ter grande parte de seus verbos não flexionados. Marcação de gênero, plural, grau (diminutivo, aumentativo) também são dificilmente usadas pelos surdos na escrita, ou são usados de forma ‘não convencional’; isto porque essas marcações em LIBRAS são feitas de uma forma totalmente diversa do Português.

Constatamos, por outro lado, que à medida que o surdo avança no processo de apropriação do Português escrito, é comum seu texto apresentar tanto construtos próprios de LIBRAS quanto do Português.

Valentini¹², em interessante trabalho sobre a apropriação da escrita por sujeitos surdos, através da rede telemática, ilustra o que dissemos anteriormente. Em seu trabalho, mostra que na fase inicial do processo aparecem predominantemente características de LIBRAS na escrita; à medida que o sujeito avança no processo, traços de LIBRAS se mesclam com traços do Português; com o avanço gradativo do processo, as construções vão se aproximando cada vez mais do Português.

O quadro a seguir ilustra o que se disse. Reproduziremos aqui, entre as categorias levantadas pela autora, aquelas que são de maior relevância para o presente trabalho.

Com base nos estudos vistos sobre a relação entre 'fala' e escrita e observando o esquema apresentado por Valentini, podemos chegar a deduzir que as características da escrita dos surdos seguem um *continuum* regular. Ou seja, nas produções iniciais apareceriam predominantemente características de LIBRAS; no estágio

Quadro 1 - Evolução da escrita em aprendizes surdos				
CATEGORIAS	ESCRITA			
	NÍVEL I	NÍVEL II	NÍVEL III	NÍVEL IV
Estrutura da frase	Estrutura da frase se assemelha a LIBRAS	Estrutura da frase muito semelhante a LIBRAS, tendo algumas características do Português	Estrutura da frase entre LIBRAS e o Português	Estrutura da frase próxima do Português
Artigos	Não usa artigos.	Uso eventual de artigo definido, sem parâmetros quanto ao uso.	Algumas vezes há o uso de artigo definido, concordando com o sujeito.	Algumas vezes, há o uso de artigo definido e indefinido.
Preposição	Não usa preposição	Usa algumas vezes, os verbos Ser e Estar, incorretamente.	Uso do verbo Ser, com maior frequência e correção.	Uso dos verbos Ser e Estar com maior frequência e correção.
Conjunção	Não usa conjunção.	Uso incorreto de conjunções coordenadas.	Uso com maior correção de conjunções (coordenadas aditivas/ alternativas).	Uso de algumas conjunções, como as coordenadas aditivas, as alternativas, explicativas e adversativas.
Elaboração de Frase ou Resposta	Grande dificuldade de elaborar frase ou resposta	Dificuldade em elaborar frase ou resposta	Alguma dificuldade na elaboração de frase ou resposta	Sem dificuldades na elaboração de frase ou resposta

Fonte: Valentine (1995)

seguinte, mescla entre LIBRAS e Português; no estágio posterior, características predominantes do Português.

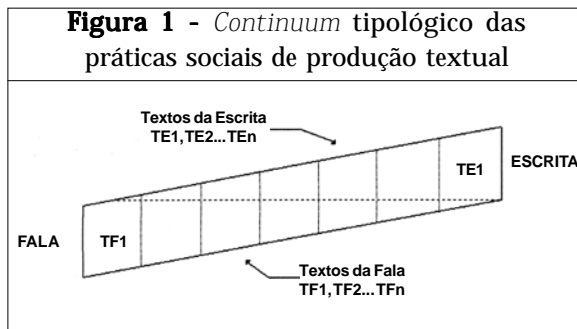
Entretanto, os dados encontrados por nós com relação à aquisição da escrita por sujeitos surdos¹³, sugerem que a relação e evolução mencionadas acima (assim como a sugerida por Bickerton) não podem se enquadrar em estágios ou fases rígidos e estanques, dissociados das práticas sociais de produção textual. Há, portanto, a necessidade de se fazer novas incursões teóricas que enriqueçam o nosso campo de análise. cremos que desdobramentos sobre as *relações entre língua falada e língua escrita*, como o proposto por Marcuschi¹⁴, podem oferecer luzes para ampliar nosso conhecimento sobre a escrita dos surdos, como se pode conferir a seguir.

AS RELAÇÕES ENTRE 'FALA' E ESCRITA NÃO PODEM SER DISSOCIADAS DAS PRÁTICAS SOCIAIS DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Criticando as concepções vigentes entre *fala* e *escrita*, Marcuschi coloca que tais concepções têm sido formuladas de forma enviesada e preconceituosa, geralmente associadas a uma concepção de linguagem estática, dissociada dos contextos de produção. Procurando superar esta concepção, o autor defende a hipótese de que *'as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.'* (op. cit., 13-14). Como consequência desta hipótese, na relação entre *fala* e *escrita* lidamos com correlações em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações multifatoriais e não uma simples variação linear. A figura abaixo, elaborada pelo autor, nos dá uma noção esquemática da concepção adotada:

Na figura, observa-se que tanto a fala quanto a escrita se dão em dois contínuos:

a) na linha dos diversos tipos de textos (TF1 (Texto Falado 1), TF2 (Texto Falado 2)...TFn (Texto falado até o estágio final) e TE1 (Texto Escrito 1), TE2 (Texto Escrito 2)...TeN (Texto escrito até o estágio final).



Fonte: Marcuschi (1995)

b) na linha das características específicas de cada modalidade.

Como se pode verificar, tanto a fala quanto a escrita variam. E a comparação entre as duas deveria levar em conta as modalidades em que foram produzidas. Nesta perspectiva, um determinado texto falado, por exemplo, uma conversação espontânea, seria o TF1 e representaria o protótipo dessa modalidade, não sendo aconselhável compará-lo ao TE1, que seria o protótipo da escrita como, por exemplo, o texto acadêmico. Por outro lado, podemos comparar uma carta pessoal em estilo descontraído com uma narrativa oral espontânea e perceber que há menos diferenças entre as mesmas do que entre a narrativa oral e um texto acadêmico escrito.

Assim sendo, uma análise frutífera das relações entre fala e escrita deve incluir as relações entre os diversos *gêneros textuais* ou modalidades de texto utilizadas.

A teoria do *continuum tipológico* de Marcuschi se aplica bem aos nossos dados.

De acordo com os autores citados anteriormente a Marcuschi, o uso na escrita de estruturas próprias da 'fala' (ou Língua de Sinais) seria próprio de uma fase *inicial* de apropriação da escrita e tenderia a desaparecer à medida que o sujeito se tornasse mais competente no uso do Português escrito.

Entretanto, em consonância com Marcuschi, observamos em nossa pesquisa que, mesmo em sujeitos competentes no uso do Português escrito, a maior presença de características da Língua de Sinais em produções escritas se correlaciona com o tipo de gênero usado. Assim sendo, em gêneros

que chamamos de *dialogais* (bilhetes; convites; preenchimento de balões num diálogo; simulação de conversação *on line*, etc) os alunos usavam uma linguagem escrita que se aproximava bastante da Língua de Sinais. Por outro lado, em gêneros que denominamos *narrativos* (produção a partir de um título dado; descrição de gravuras) os mesmos alunos usavam uma linguagem mais distante da Língua de Sinais e mais próxima do Português.

Este foi o caso do aluno abaixo, cujos textos usamos como ilustração (exemplos 11 e 12). Vemos que ele, como outros, demonstra saber lidar muito bem com as relações entre Língua de Sinais e Português escrito na hora da produção textual. Em textos *dialogais*, em que vai fazer uma interação direta com seus pares, usa a escrita como representação de sua 'fala' (Língua de Sinais). Em texto narrativo, cujo objetivo não é uma interlocução direta, mas a descrição de uma história para um interlocutor não determinado (que pode ser, inclusive, um ouvinte), a produção se aproxima mais do Português escrito. Tal sujeito atingiu o que chamamos de *bilingüismo funcional* no trato das duas línguas.

Exemplo 11:

(Produção de aluno do Ciclo Básico de Alfabetização, em gênero que simula uma *conversação 'on line'* com uma colega surda desconhecida. A escrita do aluno está grafada em **negrito** e a de sua *interlocutora*, em *itálico*):

Atlético?

Não Cruzeiro

*Você gosto bravo?**

Gosto não

*Qual você gosta passar (passear)?**

Cinema

Você gosta estudar?

Sim Portugêses, Matemática História

Geografia, e ciências

avião?

Eu não gosto

jogar com iglaterra?

Brasil

Estados Unidos?

Eu não gosta

Brasil?

Sim

Cadeia?

Não

Você é gordo?

Gosto não

*Qual você idade?**

13

Você é normal?

*Verdade**

Você nome?*

Geralda

Exemplo 12:

(Texto do mesmo aluno, em modalidade que tem como referência uma história em quadrinhos):

O Joãozinho O menino estão triste pois a pessoa não vai jogar com ele ai o amigo falou

Vamos joga a bola no campo

O Joãozinho ficou veliz o amigo estava jogando bola com outro colega

O Joãozinho ganhou 3 gol as 16:00 o Joãozinho ficou cansado e foi na Rua beber aga suja e depois ele foi embora

Para a casa dormir Ele acordou as 8:00 ficou doente a mãe dele levou Para o hospital conversar com o médico.

O médico falou presisa tomar remedio as 12:00 horas. O Joãozinho falou com o amigo Eu não posso jogar bola. O amigo falou Porque . Eu estou doente.

No que se refere ao processo de apropriação do Português pelos surdos, o desenvolvimento na produção escrita não pode ser caracterizado como a apropriação de um sistema em que há o abandono das características de sua L1 (Língua de Sinais) e a incorporação da língua alvo (Português escrito). A apropriação de uma segunda língua não implica o abandono da primeira, e o maior uso de uma ou outra vai

^vNa linguagem dos ouvintes, os enunciados com asterisco seriam registrados da seguinte forma: *Você gosta de pessoas bravas? Onde você gosta de passear? Quantos anos você tem? Sim, eu sou normal. Qual é o seu nome?

depender muito das práticas sociais de produção textual, onde se inserem os *gêneros* textuais. Não se pode dizer que haja uma hierarquia entre as duas línguas, ou que os estágios iniciais se caracterizariam pelo uso da Língua de Sinais (nível inferior) e os estágios mais avançados se caracterizariam pelo uso do Português escrito (nível superior). Ambas as línguas são igualmente ricas e se desenvolvem de construções simples para construções cada vez mais complexas. O processo de evolução se caracterizaria pelo fato de saber qual língua utilizar, conforme as exigências da produção textual. Foi o que aconteceu com o aluno cujos textos foram usados na ilustração.

COMENTÁRIOS FINAIS

O conhecimento das abordagens apresentadas é importante para podermos compreender a produção escrita dos surdos, que a *olho nu* poderia nos parecer ilógica ou caótica. Além disso, de posse de tal conhecimento, teremos mais condições de traçar diretrizes metodológicas para a prática do ensino do Português escrito ao surdo.

As conseqüências da contribuição de Bickerton se relacionam às *expectativas* e *avaliação* dos educadores com relação à capacidade de aprendizagem do Português escrito e da sua produção textual. Ao invés de uma visão pessimista, tal teoria aposta na capacidade que o surdo (como qualquer ser humano) tem de adquirir uma linguagem, pressupondo, ainda, que esta aquisição pode seguir uma trajetória que, apesar de diferente do que consideramos padrão, possui uma lógica e é um produto histórico. Espera-se, então, que os professores tenham uma *expectativa positiva* com relação à aprendizagem dos surdos e que *respeitem* a trajetória do aluno e *permitam* que esta aconteça.

Segundo Kato, a teoria de Bickerton especifica um limite *mínimo* e outro *máximo* para a capacidade lingüística. O limite *mínimo* (correspondente a Protolinguagem) é definido

pelo trajeto natural inicial do desenvolvimento lingüístico; o limite *máximo* é atingido com o desenvolvimento cultural. Se o limite *mínimo* prescinde da educação formal, o mesmo não acontece com o *máximo*.^{VI}

A preocupação básica de Bickerton é estabelecer o trajeto *inicial* do desenvolvimento lingüístico, a gramática *mínima*. Entretanto, o autor sugere que o desenvolvimento cultural da língua (limite *máximo*) tem como base o trajeto *inicial* ou limite *mínimo*.

Daí a importância dos professores de surdos conhecerem e respeitarem o trajeto inicial do desenvolvimento lingüístico de seus alunos (*vendo* seus 'desvios' iniciais como fase de um processo) e a partir desta base, promover o desenvolvimento da produção textual, tendo como alvo o Português escrito.

As lacunas deixadas por Bickerton dizem respeito à importância atribuída ao contexto sociocultural.

Não se pode dizer que ele negue a relevância do ambiente. Entretanto, dá maior importância às faculdades lingüísticas já *bioprogramadas* no homem (da qual faz parte a Protolinguagem), consideradas como alicerce do desenvolvimento da linguagem, delegando às experiências socioculturais o papel de complementação e enriquecimento do trajeto inicial.

Entretanto, o ambiente sociocultural, no qual se insere o escolar, tem papel preponderante desde o início do processo, sendo difícil a emergência de características da Protolinguagem na escrita, quando o contexto educacional não oferece certas condições.

As considerações feitas são importantes, sobretudo se considerarmos a especificidade da escrita. Esta não pode ser considerada como parte do desenvolvimento *natural* do homem, uma vez que existem culturas ágrafas no mundo, como considera Kato (op. cit.). Sendo assim, não pode prescindir do desenvolvimento cultural e da educação formal. Neste sentido, não é demais

^{VI}A abordagem de Bickerton se insere numa concepção lingüística que considera que a linguagem é constituída por base estrutural e dados circunstanciais (ou contextuais). A Protolinguagem faria parte da base estrutural da linguagem.

acentuar que, se existe uma faculdade do homem para a linguagem, está só se *realiza* em interação com fatores ambientais, integrantes de um determinado universo sociocultural.

O mesmo raciocínio se aplica com relação à trajetória evolutiva sugerida por Bickerton. Consideramos que, se podemos constatar similaridades significativas entre a evolução lingüística individual (*ontogenética*) e a evolução da espécie (*filogenética*) – ou seja, a evolução de construções *simples* e *pragmáticas* (fortemente dependentes do contexto) para construções gradativamente *mais autônomas* - não podemos nos esquecer que estas similaridades são *relativizadas* pelo *contexto*, ou melhor ainda, pelas condições de *realização* e de *uso* da linguagem pelo sujeito, devido ao caráter social, funcional e dinâmico da língua. Foi o que constatamos em nossos dados, como se pode conferir, também, nas páginas anteriores.

Com relação às teorias do segundo bloco, que tratam da **relação entre linguagem ‘falada’ (ou Língua de Sinais) e linguagem escrita**, são várias as contribuições para a prática pedagógica.

Inicialmente, é preciso ressaltar que as abordagens deste bloco partem do princípio de que a escrita é *representação da linguagem*. Assim sendo, a aquisição da escrita pressupõe um apoio do sujeito em sua linguagem primeira (a linguagem oral, no caso dos ouvintes; a Língua de Sinais, no caso dos surdos). Nesta perspectiva, ressalta-se a importância do indivíduo adquirir e desenvolver uma linguagem para obter sucesso na aquisição e desenvolvimento da escrita. Neste sentido, o surdo não alfabetizado, que tenha tido a oportunidade de desenvolver uma linguagem estruturada (LIBRAS, por exemplo) adquiriria o Português escrito mais facilmente e de forma mais competente do que um surdo que possuísse apenas fragmentos de uma língua (mímicas, domínio de alguns sinais; de alguns fonemas do Português; mescla de fragmentos de Língua de Sinais com fragmentos do Português, etc). Alguns trabalhos recentes mostram a relação entre desenvolvimento em LIBRAS e maior competência no desenvolvimento do Português escrito^{13,15,16}.

Além disso, ao considerar a escrita como *representação da linguagem*, tal abordagem nos aponta a necessidade de permitir que o aprendiz surdo escreva seus textos iniciais na estrutura de sua língua, ou seja, na estrutura da Língua de Sinais. Só assim, o surdo estará usando a escrita para *se expressar*, para *se comunicar*, para dizer o que pensa. Só assim, estará usando na escrita uma linguagem que é *sua*, uma linguagem que não é artificial, que não é emprestada. Após vivenciar a escrita enquanto expressão de *sua* linguagem, o surdo terá mais condições de expressar por escrito a língua segunda (L2), no caso, o Português.

A segunda parte do segundo bloco, nos aponta para a necessidade de revisão das **práticas sociais de produção textual** no trabalho com surdos. É comum a ocorrência de uma prática de produção de textos muito empobrecida, não só entre os surdos, mas também entre os ouvintes. É pouco comum, principalmente no ensino especial, uma prática que explore vários gêneros textuais. Em nossa pesquisa¹³, entretanto, vimos como o uso de gêneros textuais diferentes pode ser benéfico para a apropriação do Português escrito pelos surdos. A nossa pesquisa mostrou que os gêneros *dialogais* (bilhetes, cartas, convites, preenchimento de balões em diálogos, simulação de diálogo ‘on line’, etc) facilitam a expressão escrita dos aprendizes, ao permitir que eles usem - de forma ‘aceitável’ - a estrutura da Língua de Sinais. Como vimos, textos desse gênero se utilizam de uma linguagem mais próxima da linguagem usada na comunicação face a face e, sendo assim, possibilitam que os aprendizes usem, sem muitos problemas, a estrutura da linguagem que dominam (no caso, a Língua de Sinais). Além do mais, tais gêneros permitem ao surdo vivenciar melhor a função comunicativa e interativa da escrita.

Além disso, o uso gradativo de gêneros *narrativos*, que exigem uma linguagem mais distanciada da ‘fala’ (Língua de Sinais) e mais próxima do protótipo do Português escrito, possibilita ao professor, ao trabalhar com o aluno, as características próprias desse gênero, desenvolver a competência na segunda língua.

O professor poderá, assim, utilizar-se da produção escrita nos dois tipos de gêneros enfocados para realizar um trabalho *comparativo* e *contrastivo* entre as línguas em questão. Assim sendo, a análise das produções nos gêneros *dialogais* (em que se usa, preferencialmente, a estrutura da comunicação face a face, ou seja, Língua de Sinais ou LIBRAS), e nos *narrativos* (em que se usa, preferencialmente, a estrutura do Português escrito) - permitirá ao professor explorar as semelhanças e diferenças entre as duas línguas, através de atividades como, por exemplo: “*assim se escreve em LIBRAS; assim se escreve em Português*”.

Para finalizar, podemos dizer que, a seu modo, as abordagens teóricas dos dois blocos oferecem contribuições para a compreensão da escrita dos surdos e sugerem pistas para a prática de ensino. Algumas são mais polêmicas, como a abordagem de Bickerton. Entretanto,

apesar da sua diferença com as abordagens do segundo bloco, creio haver uma possível complementaridade entre ambas. Enquanto Bickerton privilegia o que chama de limite *mínimo* ou trajeto inicial do desenvolvimento da linguagem, deixando lacunas quanto ao papel do contexto sociocultural neste desenvolvimento, as outras abordagens oferecem elementos para suprir tal lacuna, sendo, também, complementares entre si.

A apropriação da escrita por sujeitos surdos, como ou mais do que qualquer outro fenômeno educacional e lingüístico, está sujeita a determinações diversas, e para a sua compreensão concorre uma gama diversificada de trabalhos, que abrange tanto aqueles que tratam das questões mais específicas da linguagem e sua evolução, quanto os que tratam das experiências dos sujeitos e do papel do contexto sociocultural no desenvolvimento desta linguagem.

SUMMARY

Linguistic and deafness: understanding the *singularity* of the written production of deafs

This paper is a contribution from linguistics to the understanding of the written production of deaf children from the initial grades of elementary school. Through various approaches, an attempt is made to demonstrate the logic and richness underlying such production. In that sense, writings which, from other perspectives, could be seen as ‘chaotic’ or ‘deviant’ are considered a result of a rich process involving historical and cultural heritage, as well as the production context and the child’s individual experiences with language. An attempt is also made to show the pedagogical implications of the presented approaches.

KEY WORDS: Deaf children’s writings. Linguistic analysis. Pedagogical implications.

REFERÊNCIAS

1. Beaugrande, R. de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and the freedom of access to knowledge*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.
2. Vigotsky, LS. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. _____. *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Antídoto, 1979.
3. Bickerton, D. *The Language Bioprogram Hypothesis*. In: *The Behavioral And Brain Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984; 7:173-221.
4. Bickerton, D. *Language & species*. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1990.
5. Ferreira Brito, L. *Integração social e educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.
6. Cagliari, LC. & Abaurre, M. B. M. *Textos espontâneos na 1ª série*. In: *Cadernos CEDES*, São Paulo, SP: Cortez Editora, 1985; 14: 25-29.
7. Abaurre, MBM. *O caráter singular das operações de refacção nos textos representativos do início da aquisição da escrita*. In: *Estudos Lingüísticos XXIV, Anais de Seminários GEL*. Ribeirão Preto, UNAERP, 1995.
8. Kato, M. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1987
9. Oliveira, MA., Nascimento, M. *Da Análise de "erros" aos mecanismos envolvidos na aprendizagem da escrita*. In: *Educação em Revista*, Revista da Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte: Imprensa da UFMG; 1985; 12: 33-43.
10. Franchi, C. *Criatividade e gramática*. São Paulo: CENP/Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, 1988.
11. Costa VAL, MG. *Entre a oralidade e a escrita: o desenvolvimento da representação de discurso narrativo escrito em crianças em fase de alfabetização*. [Tese/Doutorado em Educação]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 1996.
12. Valentini, CB. *A apropriação da leitura e escrita e os mecanismos cognitivos de sujeitos surdos na interação em rede telemática*. [Dissertação/Mestrado em Psicologia]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 1995.
13. Freire Costa, DA. *A Apropriação da Escrita por crianças e adolescentes surdos: interação entre fatores contextuais, L1 e L2 na busca de um bilingüismo funcional*. [Tese /Doutorado em Lingüística]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2001.
14. Marcuschi, LA. *Oralidade e Escrita*. Conferência de abertura no II ENCONTRO FRANCO-BRASILEIRO DE ENSINO DE LINGUA. Natal, 1995.
15. Silva, IR. *O uso de algumas categorias gramaticais na construção de narrativas pelo sujeito surdo*. [Dissertação/Mestrado em Lingüística]. Campinas, SP: UNICAMP; 1998.
16. Bernardino, EL. *A construção da referência por surdos na LIBRAS e no Português escrito: a lógica no absurdo* [Dissertação/Mestrado em Estudos Lingüísticos]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 1999.

Trabalho apresentado como parte do programa de doutoramento da autora, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, MG.

Artigo recebido: 18/04/03

Aprovado: 26/05/03